

STEPHEN  
KING

COM SANGUE

TRADUÇÃO  
Regiane Winarski



Apesar de minha cidade natal ser um vilarejo de umas seiscentas pessoas (ainda é, embora eu tenha me mudado de lá), nós tínhamos internet como nas cidades grandes, por isso meu pai foi recebendo cada vez menos correspondência pelo correio. Normalmente o sr. Nedeau só entregava o exemplar semanal da *Time*, folhetos endereçados ao “morador” ou “aos nossos simpáticos vizinhos” e as contas mensais. Mas a partir de 2004, o ano em que fiz nove anos e comecei a trabalhar para o sr. Harrigan do alto da colina, passei a receber pelo menos quatro envelopes manuscritos endereçados a mim por ano. Era um cartão de São Valentim em fevereiro, depois um de aniversário em setembro, um de Ação de Graças em novembro e um de Natal logo antes ou depois da data. Dentro de cada cartão vinha uma raspadinha de um dólar da Loteria do Estado do Maine e a assinatura era sempre a mesma: *Com desejos de felicidades, do sr. Harrigan*. Simples e formal.

A reação do meu pai também era sempre a mesma: uma gargalhada e um revirar de olhos bem-humorado.

— Ele é um mão de vaca — disse meu pai um dia. Isso deve ter sido quando eu tinha onze anos, dois anos depois de os primeiros cartões chegarem. — Paga pouco e dá um bônus barato, raspadinhas Lucky Devil do Howie’s.

Notei que uma das quatro raspadinhas normalmente dava um prêmio de dois dólares. Quando isso acontecia, meu pai tirava o dinheiro para mim no Howie’s, porque menores não podiam jogar na loteria, mesmo

se os bilhetes tivessem sido presente. Uma vez, quando tirei a sorte grande e ganhei cinco dólares, pedi para o meu pai comprar mais cinco raspadinhas de um dólar. Ele se negou, dizendo que, se alimentasse meu vício no jogo, minha mãe se reviraria no túmulo.

— O que Harrigan está fazendo já é bem ruim — disse meu pai. — Além do mais, ele devia estar pagando sete dólares por hora. Talvez até oito. Deus sabe que ele pode. Cinco por hora pode ser legal porque você é criança, mas alguns considerariam exploração infantil.

— Eu gosto de trabalhar pra ele — falei. — E gosto *dele*, pai.

— Eu entendo isso e não é como se ler pra ele e tirar as ervas daninhas do jardim faça de você um Oliver Twist do século XXI, mas ele continua sendo um mão de vaca. Estou surpreso de ele estar disposto a pagar o selo e enviar os cartões, considerando que a distância da caixa de correspondência dele até a nossa não deve ser mais do que quatrocentos metros.

Estávamos na varanda da frente bebendo Sprite quando tivemos essa conversa, e papai apontou com o polegar rua acima (de terra, como a maioria em Harlow), na direção da casa do sr. Harrigan. Era na verdade uma mansão, com piscina coberta, um jardim de inverno, um elevador de vidro no qual eu *amava* andar e uma estufa nos fundos onde antes ficava um celeiro de vacas (antes da minha época, mas meu pai se lembrava bem dele).

— Você sabe como ele sofre com a artrite — falei. — Agora às vezes ele usa duas bengalas em vez de uma. Andar até aqui seria mortal pra ele.

— Então ele poderia simplesmente entregar os malditos cartões pra você — disse meu pai. Não havia maldade na voz dele; ele só estava brincando. Ele e o sr. Harrigan se davam bem. Meu pai se dava bem com

todo mundo em Harlow. Acho que era isso que o tornava um bom vendedor. — Só Deus sabe quanto tempo você já passa lá.

— Mas aí não seria a mesma coisa — falei.

— Não? Por quê?

Eu não consegui explicar. Tinha vocabulário de sobra, graças a todos os livros que lia, mas não tinha muita experiência de vida. Só sabia que gostava de receber os cartões, ficava esperando ansioso a chegada de cada um, e gostava das raspadinhas que eu sempre raspava com minha moeda da sorte e da assinatura com a caligrafia antiquada: *Com desejos de felicidades, do sr. Harrigan*. Ao pensar nisso agora, a palavra *cerimonial* surge na minha mente. Era como o sr. Harrigan, que sempre usava uma das gravatas pretas velhas quando ele e eu íamos de carro até a cidade, apesar de ele praticamente só ficar sentado atrás do volante do Ford sedan careta lendo o *Financial Times* enquanto eu entrava na IGA e comprava os itens da lista. Sempre havia carne moída e uma dúzia de ovos. O sr. Harrigan às vezes dizia que um homem podia viver perfeitamente bem com ovos e carne moída depois de chegar a uma certa idade. Quando perguntei que idade seria, ele falou sessenta e oito.

— Quando um homem faz sessenta e oito anos, ele não precisa mais de vitaminas.

— É mesmo?

— Não. Só falei isso pra justificar meus maus hábitos alimentares. Você conseguiu encomendar o rádio por satélite pra este carro, Craig?

— Consegui. — Pelo computador do meu pai, porque o sr. Harrigan não tinha computador.

— Então, onde está? Aqui só pega esse chato do Limbaugh.

Mostrei a ele como chegar à XM. Ele girou o sintonizador por umas cem estações ou mais até encontrar uma especializada em country.

Estava tocando “Stand By Your Man”.

Essa música ainda me dá arrepios e acho que sempre vai dar.

Naquele dia do meu 11<sup>o</sup> ano, enquanto meu pai e eu estávamos tomando Sprite e olhando para a casa grande (que era exatamente como os moradores de Harlow a chamavam: A Casa Grande, como se fosse a Prisão Shawshank), eu falei:

— Me dar os cartões não seria tão bom. Receber pelo correio é mais legal.

Meu pai fez aquela coisa de revirar os olhos.

— *E-mail* é legal. E telefones celulares. Essas coisas me parecem milagres. Você é novo demais pra entender. Se tivesse passado a infância só com uma linha fixa compartilhada entre quatro casas, inclusive a da sra. Edelson, que nunca calava a boca, talvez pensasse diferente.

— Quando vou poder ter um celular? — Essa foi uma pergunta que fiz muitas vezes naquele ano, com mais frequência depois que os primeiros iPhones começaram a ser vendidos.

— Quando eu decidir que você tem idade.

— Que saco, pai! — Foi minha vez de revirar os olhos, o que o fez rir. Mas logo ele ficou sério.

— Você entende o quanto John Harrigan é rico?

Eu dei de ombros.

— Sei que ele era dono de fábricas.

— Ele era dono de bem mais do que fábricas. Até se aposentar, ele era o grande chefe de uma empresa chamada Oak Enterprises. Essa empresa englobava uma companhia de transporte marítimo, shoppings, uma cadeia de cinemas, uma empresa de telecomunicações e nem sei

mais o quê. Quando o assunto era o Big Board, a Oak era uma das maiores.

— O que é Big Board?

— Bolsa de Valores. Jogatina pra gente rica. Quando Harrigan vendeu a empresa, a venda não apareceu só na seção de negócios do *New York Times*. Apareceu na primeira página. Aquele cara que dirige um Ford de seis anos atrás, que mora no fim de uma rua de terra, que te paga cinco pratas por hora e manda uma raspadinha de um dólar quatro vezes por ano tem um patrimônio de mais de um bilhão de dólares. — Meu pai sorriu. — E meu pior terno, o que sua mãe me faria dar para o Exército da Salvação se ainda estivesse viva, é melhor do que o que ele usa pra ir à igreja.

Achei tudo interessante, principalmente a ideia de que o sr. Harrigan, que não tinha nem notebook nem mesmo TV, já tinha sido dono de cinemas. Aposto que ele nunca foi a nenhum. Ele era o que meu pai chamava de ludista, no sentido (entre outras coisas) de um cara que não gosta de aparelhos. O rádio por satélite era exceção, porque ele gostava de música country e odiava todas as propagandas da Woxo, a única estação de country que o rádio do carro dele captava.

— Você sabe quanto é um bilhão, Craig?

— Cem milhões, né?

— Que tal *mil* milhões.

— Uau — falei, mas só porque “uau” parecia a palavra certa. Eu entendia cinco pratas e entendia quinhentas, o preço de uma scooter usada que eu sonhava em ter (boa sorte pra mim), à venda na Deep Cut Road, e tinha um entendimento teórico de cinco mil, que era o que meu pai ganhava por mês como vendedor da Parmeleau Tratores e Maquinário Pesado de Gates Falls. A foto do meu pai sempre ia parar na

parede como Vendedor do Mês. Ele alegava que não era nada de mais, mas eu sabia que era. Quando ele era Vendedor do Mês, nós íamos jantar no Marcel's, o restaurante francês chique em Castle Rock.

— Uau mesmo — disse meu pai, e fez um brinde à casa grande na colina, com tantos aposentos que ficavam sem uso e o elevador que o sr. Harrigan detestava, mas precisava usar por causa da artrite e da ciática. — Uau mesmo.

Antes de eu contar sobre o bilhete de loteria com prêmio alto e sobre a morte do sr. Harrigan e do problema que tive com Kenny Yanko quando estava no nono ano na Gates Falls High, tenho que contar como fui trabalhar para o sr. Harrigan. Foi por causa da igreja. Meu pai e eu íamos à Primeira Igreja Metodista de Harlow, a *única* igreja metodista de Harlow. Havia outra igreja na cidade, a que os batistas usavam, mas pegou fogo em 1996.

— Algumas pessoas soltam fogos pra comemorar a chegada de um bebê — disse meu pai. Eu não devia ter mais de quatro anos na época. — Sua mãe e eu achamos pouco e botamos fogo numa *igreja* pra dar boas-vindas a você, Craigster, e que incêndio lindo que foi.

— Nunca diga isso — falou minha mãe. — Ele pode acreditar e botar fogo numa igreja quando tiver filhos.

Os dois eram muito brincalhões um com o outro, e eu ria até quando não entendia.

Nós três íamos andando para a igreja, as botas estalando na neve batida no inverno, nossos sapatos bons levantando poeira no verão (que minha mãe sempre limpava com um lençinho de papel antes de entrarmos), eu sempre dando a mão esquerda ao meu pai e a mão direita à minha mãe.

Ela era uma boa mãe. Eu ainda sentia muita saudade dela em 2004, quando comecei a trabalhar para o sr. Harrigan, embora ela já estivesse morta havia três anos. Agora, dezesseis anos depois, eu ainda sinto saudade dela, mas o rosto já se apagou da minha memória e as fotos só a refrescam um pouco. O que aquela música diz sobre crianças sem mãe é verdade: é difícil para elas. Eu amava meu pai e nós sempre nos demos bem, mas aquela música acertou em outra coisa também: tem tantas coisas que um pai não consegue entender, como fazer uma coroa de margaridas e botar na cabeça no campo atrás da casa e dizer que hoje você não é só um garotinho qualquer, você é o rei Craig. Como ficar satisfeito, mas não demonstrar muito, não se gabar nem nada, quando você começa a ler gibis do Super-Homem e do Homem-Aranha aos três anos. Como se deitar na cama para te fazer companhia quando você acorda no meio da noite depois de ter um pesadelo em que era perseguido pelo Doutor Octopus. Como abraçar você e dizer que está tudo bem quando um garoto maior (Kenny Yanko, por exemplo) te dá uma surra porque você não quis lustrar a porra do sapato dele.

Eu bem que precisava de um abraço desses naquele dia. Um abraço de mãe naquele dia talvez tivesse mudado muita coisa.

Não me gabar de ser um leitor precoce foi um dom que meus pais me deram, o dom de aprender cedo que ter um talento não torna você melhor do que ninguém. Mas a notícia se espalhou, como sempre acontece nas cidades pequenas, e quando eu tinha oito anos, o reverendo Mooney me pediu para ler a lição semanal da Bíblia no Domingo da Família. Talvez tenha sido a novidade que o atraiu; normalmente, ele chamava um aluno do ensino médio para fazer as honras. A leitura era do Evangelho Segundo Marcos naquele domingo, e depois do culto o

reverendo disse que eu tinha ido tão bem que podia fazer a mesma coisa toda semana se quisesse.

— Ele diz que uma criancinha vai liderar — falei para o meu pai. — Está no Livro de Isaías.

Meu pai grunhiu, como se aquilo não o comovesse muito. E assentiu.

— Tudo bem, desde que você lembre que é o meio, não a mensagem.

— Hã?

— A Bíblia é a Palavra de Deus, não a Palavra de Craig, então não fique se achando por causa disso.

Respondi que não, e nos dez anos seguintes, até eu ir para a faculdade, onde aprendi a fumar maconha, tomar cerveja e ir atrás de garotas, eu li a lição semanal. Mesmo quando as coisas estavam péssimas, eu li. O reverendo me dava a referência das escrituras uma semana antes, o capítulo e o versículo, como se diz. Na noite da Irmandade Metodista da Juventude, às quintas-feiras, eu levava para ele uma lista com as palavras que não sabia pronunciar. Como resultado, eu talvez seja a única pessoa no estado do Maine que sabe não só pronunciar Nabucodonosor, mas também soletrar.

Um dos homens mais ricos dos Estados Unidos se mudou para Harlow uns três anos antes de eu começar meu trabalho dominical de ler as escrituras para os mais velhos do que eu. Foi na virada do século, em outras palavras, logo depois de ele vender as empresas e se aposentar, e antes de a casa grande estar concluída (a piscina, o elevador e a entrada pavimentada vieram depois). O sr. Harrigan ia à igreja toda semana, usando um terno preto desbotado com a calça frouxa, uma das gravatas pretas estreitas fora de moda e com o cabelo grisalho e ralo bem penteado. No resto da semana, aquele cabelo se espalhava em todas as

direções, como o de Einstein depois de um dia movimentado decifrando o cosmos.

Naquela época, ele só usava uma bengala, na qual se apoiava quando nos levantávamos para cantar hinos dos quais acho que vou me lembrar até o dia em que morrer... e aquele verso de “The Old Rugged Cross” sobre água e sangue fluindo da lateral ferida de Jesus sempre vai me dar arrepios, assim como o último verso de “Stand By Your Man”, quando Tammy Wynette canta com tudo. O sr. Harrigan não cantava, o que era bom porque ele tinha uma voz rouca e aguda, mas ele movimentava os lábios junto com a música. Ele e meu pai tinham isso em comum.

Um domingo, no outono de 2004 (todas as árvores do nosso lado do mundo queimando em cores), li parte do Segundo Livro de Samuel, fazendo meu trabalho de sempre de passar para a congregação uma mensagem que eu mal entendia, mas sabia que o reverendo Mooney explicaria no sermão:

— A honra de Israel pereceu nas alturas. Como foi que os valentes caíram? Não contem isso em Gat, nem proclamem nas ruas de Ascalon. Que as jovens filisteias não se alegrem e as filhas dos incircuncisos não exultem.

Quando me sentei no nosso banco, meu pai me deu um tapinha no ombro e sussurrou *Você falou um monte* no meu ouvido. Precisei cobrir a boca para esconder um sorriso.

Na noite seguinte, quando estávamos terminando a louça do jantar (meu pai lavando, eu secando e guardando), o Ford do sr. Harrigan parou na porta da minha casa. A bengala bateu nos degraus do jardim, e meu pai abriu a porta antes que ele pudesse bater. O sr. Harrigan recusou a sala e

se sentou à mesa da cozinha como se fosse de casa. Aceitou um Sprite quando meu pai ofereceu, mas recusou o copo.

— Eu tomo na garrafa, como meu pai fazia — disse ele.

Como um homem de negócios, o sr. Harrigan foi direto ao ponto. Ele disse que, se meu pai aprovasse, gostaria de me contratar para ler para ele duas ou talvez três horas por semana. Por esse serviço ele pagaria cinco dólares por hora. Ele também disse que podia oferecer mais três horas de trabalho se eu cuidasse um pouco do jardim e fizesse algumas outras tarefas, como tirar a neve dos degraus no inverno e o pó do que fosse necessário ao longo do ano.

Vinte e cinco, talvez até trinta, dólares por semana, metade só para ler, que era uma coisa que eu teria feito de graça! Eu não acreditei. Pensei na hora que poderia economizar para comprar uma scooter, apesar de que não poderia andar em uma legalmente pelos próximos sete anos.

Era bom demais para ser verdade e tive medo de meu pai dizer não, mas ele aceitou.

— Só não dá nada polêmico pra ele ler — disse meu pai. — Nada de coisa política maluca e nada de violência exagerada. Ele lê como um adulto, mas só tem nove anos, recém-completados.

O sr. Harrigan fez a promessa, tomou um pouco de Sprite e estalou os lábios secos.

— Ele lê bem, sim, mas esse não é o motivo pra eu querer contratá-lo. Ele não se *arrasta* na leitura, mesmo quando não entende. Acho isso impressionante. Não é incrível, mas é impressionante.

Ele botou a garrafa na mesa e se inclinou para a frente, para grudar o olhar afiado em mim. Eu costumava ver diversão naqueles olhos e às

vezes crueldade, mas raramente vi ternura, e aquela noite de 2004 não foi uma delas.

— Sobre sua leitura ontem, Craig. Você sabe o que quer dizer “as filhas dos incircuncisos”?

— Não — falei.

— Achei que não, mas você acertou no tom de raiva e lamento mesmo assim. Você sabe o que é lamento, aliás?

— Chorar, essas coisas.

Ele assentiu.

— Mas você não exagerou. Não carregou num tom falso. Isso foi bom. Um leitor é um transmissor, não um criador. O reverendo Mooney te ajuda com a pronúncia?

— Sim, senhor, às vezes.

O sr. Harrigan tomou mais um pouco de Sprite, se levantou e se apoiou na bengala.

— Diz pra ele que é *Ascalon*, não *As-calon*. Achei isso engraçado, mas tenho pouco senso de humor. Vamos fazer uma experiência na quarta, às três? Você já saiu da escola essa hora?

Eu saía da Harlow Elementary às duas e meia.

— Sim, senhor. Três horas está ótimo.

— Vamos ficar até as quatro? Ou é tarde?

— Está bom — disse meu pai. Ele pareceu intrigado com a coisa toda.

— Nós só jantamos às cinco. Eu gosto de assistir ao noticiário local.

— Isso não faz mal pra sua digestão?

Meu pai riu, apesar de eu não achar que o sr. Harrigan estava brincando.

— Às vezes, sim. Não sou fã do sr. Bush.

— Ele é meio imbecil — concordou o sr. Harrigan —, mas pelo menos está cercado de gente que entende da coisa. Às três na quarta, Craig, e não se atrase. Não tenho paciência com atrasos.

— Nada ousado também — disse meu pai. — Ele vai ter tempo pra isso quando for mais velho.

O sr. Harrigan também prometeu isso, mas acho que homens que entendem de negócios também entendem que promessas são fáceis de quebrar, considerando que fazê-las não custa nada. Não havia nada de ousado em *Coração das trevas*, primeiro livro que li para ele. Quando terminamos, o sr. Harrigan perguntou se eu tinha entendido. Acho que ele não estava tentando me ensinar nada; só ficou curioso.

— Não muito — falei —, mas aquele tal de Kurtz era bem maluco. Isso eu entendi.

Também não havia nada de ousado no livro seguinte; *Silas Marner* era um saco, na minha humilde opinião. Mas o terceiro foi *O amante de Lady Chatterley*, e esse chamou muito minha atenção. Foi em 2006 que fui apresentado a Constance Chatterley e seu robusto guarda-caças. Eu tinha dez anos. Tantos anos depois, ainda me lembro dos versos de “The Old Rugged Cross” e, com a mesma clareza, me lembro de Mellors acariciando Lady Chatterley e murmurando “Ótimo”. A forma como ele a tratava é uma coisa boa para os meninos aprenderem e lembrarem.

— Você entendeu o que acabou de ler? — perguntou o sr. Harrigan depois de uma passagem particularmente quente. Novamente, só por curiosidade.

— Não — falei, mas não era bem verdade. Eu entendia bem mais o que estava acontecendo entre Ollie Mellors e Connie Chatterley na floresta do que sobre o que estava acontecendo entre Marlow e Kurtz no

Congo Belga. Sexo é difícil de entender, uma coisa que aprendi antes mesmo de ir para a faculdade, mas maluquice é mais.

— Que bom — disse o sr. Harrigan —, mas se seu pai perguntar o que estamos lendo, sugiro que diga que é *Dombey and Son*. Que vamos ler depois, de qualquer modo.

Meu pai nunca perguntou, ao menos não sobre aquele, e fiquei aliviado quando passamos para *Dombey*, que foi o primeiro livro adulto do qual me lembro de ter gostado. Eu não queria mentir para o meu pai, acabaria me sentindo péssimo, apesar de saber que o sr. Harrigan não teria problema algum com isso.

O sr. Harrigan gostava que eu lesse para ele porque seus olhos se cansavam com facilidade. Ele provavelmente não precisava que eu tirasse as ervas daninhas do jardim; o sr. Davis, que cortava o gramado, ficaria feliz de fazer isso, eu acho. E Edna Grogan, a empregada, poderia muito bem tirar o pó da coleção enorme de globos de neve antigos e pesos de papel de vidro, mas isso era trabalho meu. Ele basicamente gostava que eu estivesse por perto. Só me disse isso pouco antes de morrer, mas eu sabia. Eu só não sabia o motivo, e não sei se sei mesmo agora.

Uma vez, quando estávamos voltando de um jantar no Marcel's, em Rock, meu pai disse abruptamente:

— Harrigan por acaso toca em você de um jeito que você não gosta?

Faltavam anos para eu conseguir deixar uma sombra de bigode crescer, mas eu sabia o que ele estava perguntando; nós aprendemos sobre o “perigo de estranhos” e “toques inadequados” no terceiro ano, ora.

— Você quer saber se ele me apalpa? Não! Caramba, pai, ele não é gay.

— Tudo bem. Não precisa se irritar, Craigster. Eu tinha que perguntar. Porque você passa muito tempo lá.

— Se ele me apalpassse, podia pelo menos me mandar raspadinhas de dois dólares — comentei, e isso fez meu pai rir.

Trinta dólares por semana era o que eu ganhava, e meu pai insistia para que eu botasse pelo menos vinte na minha poupança para a faculdade. E fiz isso, apesar de achar uma idiotice; quando ser adolescente parece eternamente distante, a faculdade é como se fosse em outra vida. Dez dólares por semana ainda era uma fortuna. Eu gastava uma parte com hambúrgueres e milk-shakes no balcão do Howie's Market e a maior parte com livros velhos no Sebo da Dahlie, em Gates Falls. Os que eu comprava não eram pesados como os que eu lia para o sr. Harrigan (até *Lady Chatterley* era pesado quando Constance e Mellors não estavam botando fogo no ambiente). Eu gostava de livros de mistério e faroestes, como *Shoot-Out at Gila Bend* e *Hot Lead Trail*. Ler para o sr. Harrigan era trabalho. Não trabalho braçal, mas era trabalho. Um livro como *On Monday We Killed Them All*, de John D. MacDonald, era muito prazeroso. Eu disse para mim mesmo que precisava guardar o dinheiro que não ia para a poupança da faculdade para um dos celulares novos da Apple que começaram a ser vendidos no verão de 2007, mas eles eram caros, uns seiscentos dólares, e com dez dólares por semana eu levaria mais de um ano. E quando você tem dez, quase onze anos, um ano é muito tempo.

Além do mais, os livros velhos com as capas coloridas me atraíam.

Na manhã de Natal de 2007, três anos depois que comecei a trabalhar para o sr. Harrigan e dois anos antes de ele morrer, só havia um pacote para mim debaixo da árvore, e meu pai me disse para guardar para o

final, depois de ele admirar o colete estampado, os chinelos e o cachimbo de urze que eu tinha comprado pra ele. Depois disso, rasguei o papel do meu único presente e gritei de alegria quando vi que ele tinha comprado exatamente o que eu desejava: um iPhone que fazia tantas coisas diferentes que fez o celular de carro do meu pai parecer uma antiguidade.

As coisas mudaram muito desde então. Agora é o iPhone que meu pai me deu no Natal de 2007 que virou antiguidade, como a linha fixa compartilhada por quatro famílias sobre a qual ele me contou quando eu era criança. Houve tantas mudanças, tantos avanços, e tudo aconteceu tão rápido. Meu iPhone do Natal tinha só 16 aplicativos, todos já instalados. Um deles era o YouTube, porque na época a Apple e o YouTube eram amigos (isso mudou). Um se chamava SMS, uma forma primitiva de mensagens de texto (sem emojis, uma palavra que ainda não tinha sido inventada, a não ser que você fizesse um). Havia um aplicativo de previsão do tempo que costumava errar. Mas você podia fazer ligações a partir de uma coisa tão pequena que cabia no bolso da calça e, melhor ainda, havia o Safari, que o conectava ao mundo. Quando você cresce em uma cidade com estradas de terra e sem sinal de trânsito como Harlow, o mundo é um lugar estranho e tentador, e você deseja tocar nele de uma forma que a TV não era capaz. Pelo menos comigo era assim. Todas essas coisas estavam na ponta dos meus dedos, cortesia da AT&T e do Steve Jobs.

Havia outro aplicativo, um que me fez pensar no sr. Harrigan até naquela primeira manhã alegre. Uma coisa bem mais legal do que o rádio por satélite no carro dele. Ao menos para caras como ele.

— Obrigado, pai — falei e o abracei. — Muito obrigado!

— Mas não exagere. As tarifas de telefone estão muito altas e vou ficar de olho.

— Elas vão baixar — falei.

Eu tinha certeza disso, e meu pai nunca pegou no meu pé por causa dos gastos. Eu não tinha muita gente para quem ligar, mas gostava dos vídeos do YouTube (meu pai também) e amava poder entrar no que era chamado na época de *www: a world wide web*. Às vezes, eu abria artigos do *Pravda*, não por entender russo, mas só porque podia.

Menos de dois meses depois, voltei para casa após a aula, abri a caixa de correspondências e encontrei um envelope endereçado a mim na caligrafia antiquada do sr. Harrigan. Era o cartão de São Valentim. Entrei em casa, larguei a mochila na mesa e abri o envelope. O cartão não era florido nem meloso, esse não era o estilo do sr. Harrigan. Mostrava um homem de smoking segurando uma cartola e se inclinando em um campo de flores. A mensagem dentro dizia *Que você tenha um ano cheio de amor e amizade. Abaixo disso: Com desejos de felicidades, do sr. Harrigan.* Um homem inclinado com o chapéu esticado, um desejo de felicidade, nada meloso. Era o sr. Harrigan todinho.

Em 2008, as raspadinhas de um dólar Lucky Devil foram substituídas por outras chamadas Pine Tree Cash. Havia seis pinheiros no cartãozinho. Se a mesma quantia aparecesse embaixo de três deles quando você raspasse, você ganhava aquela quantia. Raspei as árvores e olhei sem acreditar para o que tinha encontrado. Primeiro, achei que era erro ou piada, embora o sr. Harrigan não fosse do tipo piadista. Olhei de novo e passei os dedos pelos números expostos, afastando pedacinhos do que meu pai chamava (sempre revirando os olhos) de “pó de

raspadinha”. Os números permaneceram iguais. Eu talvez tenha rido, não consigo lembrar, mas lembro que gritei. Gritei de alegria.

Peguei meu celular novo no bolso (aquele celular ia para todo canto comigo) e liguei para a Parmeleau Tratores. Fui atendido por Denise, a recepcionista, e quando ouviu como eu estava sem fôlego, ela perguntou o que tinha acontecido.

— Nada, nada — disse eu —, mas preciso falar com meu pai agora.

— Tudo bem, espere. Você parece que está ligando do outro lado da lua, Craig.

— Estou no celular. — Meu Deus, como eu amava dizer isso.

Denise fez um som de desprezo.

— Essas coisas são cheias de radiação. Eu nunca teria um. Espere.

Meu pai também me perguntou o que tinha acontecido, porque eu nunca tinha ligado para ele no trabalho, nem no dia em que o ônibus da escola foi embora sem mim.

— Pai, eu recebi minha raspadinha de São Valentim do sr. Harrigan...

— Se você me ligou pra contar que ganhou dez dólares, dava pra esperar até eu...

— Não, pai, eu ganhei o maior prêmio! — E era mesmo, para as raspadinhas de um dólar da época. — *Eu ganhei dois mil dólares!*

Silêncio do outro lado da linha. Eu achei que a ligação tivesse caído. Naquela época, os celulares, até os novos, perdiam ligações toda hora. O sistema não era dos melhores.

— Pai? Ainda está aí?

— Aham. Você tem certeza?

— Tenho! Estou olhando agorinha! Tem três dois mil! Um na fileira de cima e dois na de baixo!

Outra longa pausa e ouvi meu pai dizendo para alguém *Acho que meu filho ganhou um dinheiro*. Um momento depois, ele voltou a falar comigo.

— Guarde em um lugar seguro até eu voltar.

— Onde?

— Que tal na lata de açúcar na despensa?

— Boa ideia — falei. — Tudo bem.

— Craig, você tem certeza mesmo? Não quero que você fique decepcionado, olhe de novo.

Eu olhei, um tanto convencido de que a dúvida do meu pai mudaria o que eu tinha visto; pelo menos um daqueles números dois mil agora seria outra coisa. Mas estavam iguais.

Falei isso e ele riu.

— Bom, parabéns, então. Vamos jantar no Marcel's hoje e você que vai pagar.

Isso *me* fez rir. Não consigo me lembrar de ter sentido essa alegria pura outra vez. Eu precisava ligar para outra pessoa, então liguei para o sr. Harrigan, que atendeu na linha fixa ludista.

— Sr. Harrigan, obrigado pelo cartão! E obrigado pela raspadinha! Eu...

— Você está me ligando daquela sua traquitana? — perguntou ele. — Deve ser, porque nem consigo te ouvir direito. Parece que você está do outro lado da lua.

— Sr. Harrigan, eu ganhei o maior prêmio! Ganhei dois mil dólares! Muito obrigado!

Houve uma pausa, mas não tão longa quanto a do meu pai, e quando ele falou de novo, não me perguntou se eu tinha certeza. Ele fez essa cortesia comigo.

— Você deu sorte — disse ele. — Que bom.

— Obrigado!

— De nada, mas não é necessário agradecer. Eu compro essas coisas aos montes. Mando pra amigos e contatos de trabalho como uma espécie de... humm... cartão de visitas, podemos dizer. Faço isso há anos. Um acabaria levando o maior prêmio mais cedo ou mais tarde.

— Meu pai vai me fazer botar a maior parte no banco. Mas acho que tudo bem. Vai dar uma boa melhorada na minha poupança para a faculdade.

— Pode dar pra mim, se quiser — disse o sr. Harrigan. — Deixe que eu invista pra você. Acho que consigo garantir um crescimento melhor do que os juros do banco. — E falando mais sozinho do que comigo: — Algo seguro. Não vai ser um bom ano para o mercado. Vejo nuvens no horizonte.

— Claro! — Mas pensei de novo. — Quer dizer, talvez. Vou ter que falar com meu pai.

— Claro. É o certo a fazer. Diga que estou disposto a garantir a quantia inicial. Você ainda vem ler pra mim hoje à tarde? Ou vai deixar isso de lado agora que é um homem de posses?

— Claro, mas tenho que voltar quando meu pai chegar em casa. Vamos sair pra jantar. — Fiz uma pausa. — Quer vir com a gente?

— Hoje não — disse ele, sem hesitar. — Sabe, você podia ter me contado isso pessoalmente, já que ainda vai vir aqui. Mas você gosta muito dessa sua traquitana, não é? — Ele não esperou que eu respondesse; nem precisava. — O que você acharia de investir seu pequeno ganho em ações da Apple? Acredito que essa empresa vai ser muito bem-sucedida no futuro. Ouvi que o iPhone vai detonar com o Blackberry. Não precisa responder agora. Fale com seu pai primeiro.

— Pode deixar. E já vou pra sua casa. Vou correndo.

— A juventude é uma coisa maravilhosa — disse o sr. Harrigan. — Pena que é desperdiçada com as crianças.

— Hã?

— Muitas pessoas disseram isso, mas Shaw disse melhor. Não importa. Pode vir correndo. Correndo como o vento, porque Dickens nos aguarda.

Corri os quatrocentos metros até a casa do sr. Harrigan, mas voltei andando, e no caminho tive uma ideia. Uma forma de agradecer, apesar de ele ter dito que não era necessário. No nosso jantar chique no Marcel's naquela noite, contei ao meu pai sobre a proposta do sr. Harrigan de investir o dinheiro que ganhei, e também contei minha ideia de presente de agradecimento. Achei que meu pai teria dúvidas e acertei.

— Deixe que ele invista o dinheiro. Quanto à sua ideia... você sabe o que ele acha de coisas assim. Ele não é só o homem mais rico de Harlow, de todo o estado do Maine, na verdade. Ele também é o único que não tem TV.

— Ele tem elevador — falei. — E usa.

— Porque precisa. — Meu pai abriu um sorriso. — Mas o dinheiro é seu, e se é isso que você quer fazer com uma parte dele, não vou dizer que não. Quando ele recusar, você pode dar pra mim.

— Você acha mesmo que ele vai recusar?

— Acho.

— Pai, por que ele veio pra cá? A nossa cidade é bem pequena. A gente está no meio do *nada*.

— Boa pergunta. Faz pra ele qualquer hora dessas. Agora, que tal a sobremesa?

Um mês depois, dei ao sr. Harrigan um iPhone novinho. Não embrulhei nem nada, em parte porque não era nenhuma ocasião especial e em parte porque eu sabia como ele gostava das coisas: sem frescura.

Ele virou a caixa uma ou duas vezes nas mãos deformadas pela artrite, parecendo intrigado. Em seguida, entregou-a para mim.

— Obrigado, Craig. Agradeço a intenção, mas não. Sugiro que você dê para o seu pai.

Eu peguei a caixa.

— Ele me disse que sua resposta seria essa. — Fiquei desapontado, mas não surpreso. E ainda não estava pensando em desistir.

— Seu pai é um homem sábio. — Ele se inclinou para a frente na cadeira e fechou as mãos entre os joelhos afastados. — Craig, eu raramente dou conselhos, é quase sempre desperdício, mas hoje vou te dar um. Henry Thoreau disse que não temos as coisas; as coisas têm a gente. Cada objeto novo, seja uma casa, um carro, uma TV ou um telefone chique desses aí, é mais uma coisa que temos que carregar nas costas. Isso me faz pensar em Jacob Marley dizendo para Scrooge: “Essas são as correntes que forjei na vida”. Não tenho TV porque, se tivesse, eu a veria, apesar de quase tudo que ela transmite ser besteira. Não tenho rádio em casa porque eu o ouviria, e um pouco de música country pra quebrar a monotonia de um trajeto longo de carro é tudo de que preciso. Se eu tivesse isso aí...

Ele apontou para a caixa do celular.

— ... eu sem dúvida usaria. Recebo doze periódicos diferentes pelo correio e eles contêm todas as informações de que preciso pra acompanhar o mundo dos negócios e as coisas tristes do mundo. — Ele se encostou e suspirou. — Pronto. Fui dar um conselho e acabei fazendo um discurso. A velhice é traiçoeira.

— Posso só mostrar uma coisa? Não, duas.

Ele me lançou um olhar que eu já o tinha visto fazer para o jardineiro e para a empregada, mas ele nunca tinha feito para mim até aquela tarde: penetrante, cético e meio irritado. Tantos anos depois, percebo que é a expressão que um homem perceptivo e cínico faz quando acredita que consegue ver o interior da maioria das pessoas e não espera encontrar nada de bom.

— Isso só prova o que dizem, que nenhum bom gesto passa incólume. Estou começando a desejar que aquela raspadinha não tivesse sido vencedora. — Ele suspirou de novo. — Bom, vá em frente, faça sua demonstração. Mas você não vai me fazer mudar de ideia.

Depois de receber aquele olhar, tão distante e frio, achei que ele estivesse certo. Eu acabaria dando o telefone para o meu pai, afinal. Mas como já tinha ido tão longe, fui em frente. O celular estava carregado, eu tinha cuidado disso, e funcionando perfeitamente. Eu o liguei e mostrei um ícone na segunda fileira. Tinha linhas irregulares, meio como um gráfico de eletrocardiograma.

— Está vendo isso?

— Sim, e estou vendo o que diz. Mas não preciso de relatórios da bolsa de valores, Craig. Eu assino o *Wall Street Journal*, como você bem sabe.

— Claro, mas o *Wall Street Journal* não pode fazer isto.

Cliquei no ícone e abri o aplicativo. O índice Dow Jones Average apareceu. Eu não fazia ideia do que aqueles números queriam dizer, mas via que estavam flutuando. Foi de 14 720 para 14 728, depois caiu para 14 704 e subiu para 14 716. Os olhos do sr. Harrigan se arregalaram. A boca se abriu. Foi como se alguém tivesse batido nele com vara de

marmelo. Ele pegou o celular e o segurou perto do rosto. E depois olhou para mim.

— Esses números são em *tempo real*?

— Sim — falei. — Bom, acho que talvez tenham um atraso de um ou dois minutos, não tenho certeza. O telefone puxa da torre nova em Motton. Temos sorte de ter uma tão perto.

Ele se inclinou para perto e olhou com mais atenção. Um sorriso relutante surgiu nos cantos da boca.

— Caramba. É tipo o ticker da bolsa que os magnatas tinham em casa.

— Ah, é bem melhor do que isso — falei. — Os tickers às vezes tinham *horas* de atraso. Meu pai falou isso ontem à noite. Ele é fascinado por essa coisa de bolsa de valores, sempre pega meu celular pra olhar. Ele disse que um dos motivos de a bolsa ter caído tanto em 1929 foi porque quanto mais as pessoas negociavam, mais atrasados os tickers ficavam.

— Ele está certo — disse o sr. Harrigan. — As coisas já tinham ido longe demais antes que alguém pudesse apertar o freio. Claro que uma coisa assim pode acelerar uma venda de liquidação. É difícil saber, porque a tecnologia ainda é tão nova.

Eu esperei. Queria contar mais um pouco, convencê-lo; eu era só uma criança, afinal. Mas alguma coisa me disse que esperar era o melhor caminho. Ele continuou olhando a movimentação minúscula do Dow Jones. Ele era um cara que conhecia os *mercados* de tecnologia e claro que entendia que as ações da Apple subiriam, mas ele nunca tinha considerado as ramificações da tecnologia em si. Estava aprendendo bem ali, diante dos meus olhos.

— Mas — disse ele, ainda olhando.

— Mas o quê, sr. Harrigan?

— Nas mãos de alguém que conhece o mercado de verdade, uma coisa assim pode... já deve até... — Ele parou de falar e ficou pensando.

— Aqui está a outra coisa — falei, impaciente demais para esperar. — Sabe todas as revistas que o senhor recebe? A *Newsweek*, a *Financial Times* e a *Fords*?

— *Forbes* — disse ele, ainda olhando para a tela. Ele me lembrou a mim mesmo aos quatro anos, estudando a Bola 8 Mágica que ganhei de aniversário.

— É, essa. Posso pegar o telefone por um minuto?

Ele me entregou o aparelho meio relutante, e eu tinha quase certeza de que o tinha convencido. Fiquei feliz, mas também com um pouco de vergonha de mim mesmo, como um cara que acabou de bater na cabeça de um esquilo dócil quando ele veio pegar uma noz na mão.

Eu abri o Safari. Era bem mais primitivo do que hoje, mas funcionou direitinho graças à nova torre; até hoje eu me pergunto o que teria mudado se aquela torre não tivesse sido construída. Digitei *Wall Street Journal* no campo de buscas do Google e depois de alguns segundos a primeira página abriu. Uma das manchetes dizia COFFEE COW ANUNCIA FECHAMENTOS. Mostrei para ele.

Ele ficou olhando e pegou o jornal da mesa ao lado da poltrona onde eu botei a correspondência na hora que entrei. Ele olhou a primeira página.

— Isso não está aqui — disse o sr. Harrigan.

— Porque esse é de ontem — falei. Eu sempre pegava a correspondência dele quando chegava, e o *Journal* sempre estava embrulhado em volta de outras coisas e preso com um elástico. — O senhor recebe com um dia de atraso. Todo mundo recebe. — E na época das festas chegava com dois dias de atraso, às vezes três. Eu não precisava

dizer; ele resmungava sobre isso constantemente em novembro e dezembro.

— Isso é de hoje? — perguntou ele, olhando a tela. E verificou a data no alto. — É, sim!

— Claro — falei. — Notícias fresquinhas em vez de velhas, certo?

— De acordo com isto, tem um mapa dos locais que vão fechar. Você pode me mostrar como ver? — Ele pareceu ansioso. Fiquei com um pouco de medo. Ele tinha mencionado Scrooge e Marley; eu me senti o Mickey Mouse em *Fantasia*, usando um feitiço que não entendia direito para despertar as vassouras.

— Você pode fazer isso sozinho. É só arrastar o dedo na tela, assim.

Mostrei a ele. Primeiro, ele moveu o dedo com força demais e foi muito longe, mas logo depois pegou o jeito. Mais rápido do que meu pai, na verdade. Ele encontrou a página certa.

— Olha isso — observou ele, impressionado. — Seiscentas lojas! Era isso que eu estava falando sobre a fragilidade do... — Ele parou de falar e olhou para o mapinha. — Sul. A maioria dos fechamentos vai ser no sul. O sul é sempre um aviso, Craig, quase sempre... Acho que preciso fazer uma ligação para Nova York. A bolsa vai fechar daqui a pouco. — Ele começou a se levantar. O telefone fixo ficava do outro lado da sala.

— Você pode ligar daqui — falei. — É a função principal dele. — Era na época, pelo menos. Apertei o ícone do telefone e o teclado numérico apareceu. — É só digitar o número que você quer. Encoste nas teclas com o dedo.

Ele me encarou, os olhos azuis brilhando embaixo das sobrancelhas peludas.

— Eu posso fazer isso aqui nesse fim de mundo?

— Pode. O sinal aqui é ótimo. Você tem quatro barrinhas.

— Barrinhas?

— Não importa, pode fazer sua ligação. Vou deixar o senhor sozinho pra isso, é só acenar pela janela quando...

— Não precisa. Não vai demorar e não preciso de privacidade.

Ele tocou nos números com hesitação, como se esperasse deflagrar uma explosão. Com a mesma hesitação, levou o iPhone ao ouvido e me olhou em busca de confirmação. Assenti de forma encorajadora. Ele ouviu, falou com alguém (alto demais no começo) e depois de uma curta espera, com outra pessoa. Então eu estava bem ali quando o sr. Harrigan vendeu todas as ações da Coffee Cow, uma transação que envolvia sei lá quantos mil dólares.

Quando terminou, ele descobriu como voltar para a tela principal. De lá, abriu o Safari de novo.

— Tem a *Forbes* aqui?

Eu verifiquei. Não tinha.

— Mas se quiser um artigo da *Forbes* que já conhece, acho que consegue encontrar, porque alguém terá postado.

— Postado...?

— É, e se quiser informações sobre alguma coisa, o Safari procura. É só procurar o Google. Olha. — Fui até a cadeira dele e digitei *Coffee Cow* no campo de busca. O telefone avaliou e devolveu vários resultados, inclusive o artigo do *Wall Street Journal* que o fez ligar para o corretor da bolsa.

— Olha só isso — disse ele, maravilhado. — É a internet.

— Bom, é — falei, pensando *Dã*.

— A rede mundial de computadores.

— É.

— Que existe há quanto tempo?

*Você devia saber essas coisas, pensei. É um empresário importante, devia saber essas coisas mesmo estando aposentado porque você ainda está interessado.*

— Não sei exatamente há quanto tempo existe, mas as pessoas estão nela o tempo todo. Meu pai, meus professores, a polícia... todo mundo.

— Mais objetivamente: — Inclusive as suas empresas, sr. Harrigan.

— Ah, mas elas não são mais minhas. Eu sei um pouco, Craig, assim como sei um pouco sobre vários programas de TV, apesar de não ver TV. Tenho a tendência de pular os artigos de tecnologia nos jornais e revistas porque não tenho interesse. Se você quisesse falar sobre boliche ou redes de distribuição de filmes, a situação seria diferente. Eu me mantenho envolvido, vamos dizer assim.

— É, mas o senhor não vê? Essas empresas estão *usando* a tecnologia. E se o senhor não entender...

Eu não sabia como terminar aquela frase, ao menos não sem ir além dos limites da educação, mas ele parecia entender.

— Eu vou ficar para trás. É o que você está dizendo.

— Acho que não importa — falei. — Ei, o senhor está aposentado, afinal.

— Mas não quero ser considerado *idiota* — disse ele com certa veemência. — Você acha que Chick Rafferty ficou surpreso quando liguei e mandei que ele vendesse as ações da Coffee Cow? Nem um pouco, porque sem dúvida uns seis outros clientes grandes pegaram o telefone e mandaram que ele fizesse o mesmo. Alguns sem dúvida são pessoas com informações internas. Mas outros só moram em Nova York ou Nova Jersey e recebem o *Journal* no dia que é publicado e é assim que descobrem. Diferentemente de mim, escondido aqui onde o vento faz a curva.

Mais uma vez, me perguntei por que ele tinha ido para lá, pois não tinha nem parentes na cidade. Mas aquela não parecia a hora de perguntar.

— Eu posso ter sido arrogante. — Ele refletiu sobre isso e abriu um sorriso. E foi como ver o sol aparecendo por trás de uma nuvem pesada em um dia frio. — Eu *fui* arrogante. — Ele ergueu o iPhone. — Vou ficar com isso, sim.

A primeira palavra que surgiu nos meus lábios foi *obrigado*, o que teria sido estranho. Então eu só falei:

— Que bom. Fico feliz.

Ele olhou para o relógio Seth Thomas na parede (em seguida, para minha diversão, comparou com a hora no iPhone).

— Por que não lemos só um capítulo hoje, já que passamos tanto tempo conversando?

— Por mim, tudo bem — falei, apesar de saber que teria prazer em ficar mais um pouco e ler dois ou até três capítulos. Estávamos chegando ao fim de *The Octopus*, de um cara chamado Frank Norris, e eu estava ansioso para saber o que ia acontecer. Era um livro antiquado, mas cheio de acontecimentos empolgantes mesmo assim.

Quando terminamos a leitura mais curta, eu molhei as poucas plantas que o sr. Harrigan tinha dentro de casa. Era sempre minha última tarefa do dia e só levava alguns minutos. Enquanto estava fazendo isso, eu o vi brincando com o telefone, ligando e desligando o aparelho.

— Se eu for mesmo ficar com essa coisa, é melhor você me mostrar *como* usar — disse ele. — Como impedir que desligue, pra começar. A bateria já está diminuindo, estou vendo.

— O senhor vai conseguir descobrir quase tudo sozinho — falei. — É bem fácil. Quanto a carregar, tem um fio na caixa. É só ligar na tomada.

Posso mostrar mais algumas coisas se o senhor...

— Não hoje. Amanhã, talvez.

— Tudo bem.

— Mas tenho mais uma pergunta. Por que pude ler aquele artigo sobre a Coffee Cow e ver o mapa dos locais onde fecharia?

A primeira coisa que me veio à cabeça foi a resposta de Hillary sobre subir o monte Everest, que tínhamos acabado de ler na escola: *Porque está lá*. Mas ele poderia ter interpretado isso como atrevimento, e era mesmo. Então, falei:

— Não entendi.

— É mesmo? Um garoto inteligente como você? Pense, Craig, pense. Eu li de graça uma coisa pela qual as pessoas pagam caro. Mesmo com o valor da assinatura do *Journal*, que é bem mais barato do que comprar na banca, eu pago uns noventa centavos por edição. Mas com isto... — Ele segurou o telefone como milhares de garotos segurariam os deles em shows de rock não muitos anos depois. — Agora você entendeu?

Com ele falando, sim, eu entendia, mas não tinha resposta. Parecia...

— Parece idiotice, né? — perguntou ele, lendo meu rosto ou minha mente. — Dar informação útil vai contra tudo que entendo sobre práticas de negócios de sucesso.

— Talvez...

— Talvez o quê? Me dê suas ideias. Não estou sendo sarcástico. Você sabe mais sobre isso do que eu, então me conta o que você está pensando.

Eu estava pensando na Feira de Fryeburg, aonde meu pai e eu íamos uma ou duas vezes em todos os meses de outubro. Costumávamos levar minha amiga Margie, que morava na nossa rua. Margie e eu andávamos nos brinquedos, depois nós três comíamos bolinhos fritos e linguiça

antes de o meu pai nos arrastar para olhar os tratores novos. Para chegar ao barracão de equipamentos, era preciso passar pela barraca Beano, que era enorme. contei para o sr. Harrigan sobre o cara que ficava na frente com o microfone, dizendo para as pessoas que passavam que o primeiro jogo era sempre de graça.

Ele pensou nisso.

— Um atrativo? Acho que faz um certo sentido. Você está dizendo que só podemos ler um artigo, talvez dois ou três, e depois a máquina... o quê? Não permite mais? Diz que, se você quiser brincar, vai ter que pagar?

— Não — admiti. — Acho que não é como a barraca Beano, no fim das contas, porque você pode olhar o quanto quiser. Pelo menos até onde eu sei.

— Mas isso é loucura. Dar uma amostra grátis é uma coisa, mas dar a *fazenda* toda... — Ele riu com deboche. — Não tinha nem uma *propaganda*, você reparou? E propaganda é uma parte enorme da renda de jornais e periódicos. Enorme.

Ele pegou o telefone, olhou seu reflexo na tela agora preta, botou-o na mesa e olhou para mim com um sorriso estranho e amargo no rosto.

— Nós talvez estejamos vendo um erro enorme aqui, Craig, feito por pessoas que entendem os aspectos práticos de uma coisa assim, as *ramificações*, tanto quanto eu. Um terremoto econômico pode estar chegando. Até onde eu sei, já chegou. Um terremoto que vai mudar como recebemos informação, onde a conseguimos e, conseqüentemente, como vemos o mundo. — Ele fez uma pausa. — E como lidamos com tudo, obviamente.

— Eu me perdi — falei.

— Veja da seguinte forma: se você ganha um cachorrinho, você tem que ensiná-lo a fazer as necessidades no lugar certo, não é?

— É.

— Se tivesse um cachorrinho que não fosse treinado, você daria a ele um biscoito por cagar na sala?

— Claro que não.

Ele assentiu.

— Você estaria ensinando o oposto do que quer que ele aprenda. E quando se trata de comércio, Craig, a maioria das pessoas é como cachorrinhos que precisam ser treinados.

Não gostei muito da comparação e ainda não gosto; acho que diz muito sobre como o sr. Harrigan ganhou a fortuna dele. Mas fiquei de boca fechada. Eu o estava vendo de um jeito novo. Ele era como um velho explorador em uma nova viagem de descoberta, e ouvi-lo era fascinante. E acho que ele não estava tentando me ensinar nada. Ele estava aprendendo, e para um cara de oitenta e poucos anos, estava aprendendo rápido.

— Uma amostra grátis é uma coisa, mas se você der coisas grátis demais, sejam elas roupas, comida ou informações, as pessoas passam a esperar que seja assim. Se eu fosse o *Wall Street Journal*... ou o *Times*... ou até a porcaria do *Readers Digest*... eu teria muito medo dessa geringonça. — Ele pegou o iPhone de novo; parecia não conseguir deixá-lo de lado. — Parece um cano de água quebrado, mas que cospe informação em vez de água. Eu achava que estávamos falando só de um telefone, mas agora estou vendo... começando a ver...

Ele balançou a cabeça, como se para pensar melhor.

— Craig, e se alguém com informações confidenciais sobre novos remédios em desenvolvimento decidisse publicar os resultados dos testes

nessa coisa para o mundo todo ler? Poderia custar à Upjohn ou à Unichem milhões de dólares. Ou imagine que algum desafeto decidisse revelar segredos do governo?

— A pessoa não seria presa?

— Talvez. Provavelmente. Mas depois que deram com a língua nos dentes... depois que a pasta de dente sai do tubo... ora, ora. Bom, não importa. É melhor você ir pra casa, pra não se atrasar para o jantar.

— Estou indo.

— Obrigado mais uma vez pelo presente. Acho que não vou usar muito, mas pretendo pensar sobre ele. O tanto que eu conseguir, pelo menos. Meu cérebro não está tão ágil quanto costumava ser.

— Acho que ainda está bem ágil — falei, e não estava sendo bajulador. Por que *não havia* propaganda junto com as notícias e os vídeos do YouTube? As pessoas teriam que ver, não é? — Além do mais, meu pai diz que o que vale é a intenção.

— Um aforisma mais falado do que aplicado — disse ele, e quando viu minha expressão intrigada: — Deixa pra lá. Até amanhã, Craig.

No caminho de volta descendo a colina, chutando os restinhos da última neve do ano, pensei no que ele falou: que a internet era como um cano de água quebrado cuspidando informações em vez de água. Isso também era verdade sobre o notebook do meu pai, sobre os computadores da escola e os de todo o país. Do mundo, na verdade. Apesar de o iPhone ainda ser tão novo para ele que ele mal sabia como ligar, o sr. Harrigan já tinha entendido a necessidade de consertar o cano quebrado se os negócios, ao menos da forma como ele os conhecia, fossem continuar do jeito que sempre tinham sido. Não tenho certeza, mas acho que ele previu o *paywall* um ano ou dois antes de ser criado. Eu não sabia na

época, tanto quanto não sabia como contornar as operações restritas, o que passou a ser conhecido como *jailbreak*. Os *paywalls* foram criados, mas as pessoas já tinham se acostumado a receber coisas de graça e ficaram ressentidas de pedirem para que pagassem. As pessoas que davam de cara com o *paywall* do *New York Times* iam para sites como o *Huffington Post* (normalmente bem irritados), apesar de a notícia não ser tão boa. (Exceto, claro, se você queria aprender sobre um desenvolvimento da moda conhecido como “sideboob”, aquele tipo de roupa em que o ladinho dos seios aparecia.) O sr. Harrigan estava totalmente correto a esse respeito.

Depois do jantar naquela noite, quando a louça estava lavada e guardada, meu pai botou o notebook na mesa.

— Encontrei uma coisa nova. É um site chamado *preview.com*, para a gente ver atrações que ainda vão estreiar.

— É mesmo? Vamos ver umas!

Durante meia hora, nós vimos trailers de filmes que normalmente teríamos que ir ao cinema para ver.

O sr. Harrigan teria arrancado os cabelos. O pouco que restava deles.

Ao voltar da casa do sr. Harrigan naquele dia de março de 2008, eu tinha quase certeza de que ele estava errado sobre uma coisa. *Acho que não vou usar muito*, ele dissera, mas eu reparei na expressão do rosto dele quando viu o mapa mostrando os fechamentos da Coffee Cow. E a rapidez com que usou o novo telefone para ligar para uma pessoa em Nova York. (A combinação de advogado e gerente de negócios dele, descobri depois, não o corretor da bolsa.)

E eu estava correto. O sr. Harrigan usou bastante o telefone. Ele parecia uma tia velha solteira que toma um gole de conhaque para

experimentalizar depois de seis anos de abstinência e se torna uma alcoólatra refinada quase da noite para o dia. Em pouco tempo, o iPhone estava sempre na mesa ao lado da poltrona favorita dele quando eu ia lá à tarde. Só Deus sabe para quantas pessoas ele ligou, mas sei que ele me ligava quase todas as noites para fazer uma pergunta ou outra sobre a capacidade da nova aquisição. Uma vez ele disse, e eu nunca esqueci, que era como uma escrivaninha-xerife antiga, cheia de gavetinhas e nichos e cantinhos fáceis de passarem despercebidos.

Ele encontrou a maioria dos nichos e cantinhos sozinho (com ajuda de várias fontes na internet), mas eu o ajudei (ou facilitei, poderíamos dizer) no começo. Quando ele me contou que odiava o xilofone irritante que tocava quando ele recebia uma ligação, mudei para um trecho de Tammy Wynette cantando “Stand By Your Man”. O sr. Harrigan achou hilário. Mostrei a ele como botar o celular no silencioso, para que não o incomodasse quando ele tirasse o cochilo da tarde, como programar o alarme e como gravar uma mensagem quando ele não estivesse com vontade de atender. (A dele foi um modelo de brevidade: “Não posso atender agora. Retorno a ligação se parecer adequado”.) Ele começou a desligar a linha fixa quando ia tirar o cochilo diário, e reparei que estava deixando assim cada vez mais. Ele me enviava mensagens de texto, que dez anos atrás chamávamos de IM. Tirava fotos de cogumelos no campo atrás da casa e as enviava por e-mail para que fossem identificados. Fazia anotações na função notas e descobriu os vídeos dos artistas country favoritos.

— Desperdicei uma hora da linda luz de verão hoje de manhã vendo vídeos do George Jones — ele me contou em um dado momento daquele ano, com uma mistura de vergonha e um orgulho esquisito.

Perguntei a ele uma vez por que não comprava um notebook. Ele poderia fazer tudo que aprendeu a fazer no celular, mas numa tela maior poderia ver Porter Wagoner em toda sua glória coberta de pedrarias. O sr. Harrigan só balançou a cabeça e riu.

— Vade retro, Satanás. Parece que você me ensinou a fumar maconha e gostar e agora está dizendo: “Se você gosta de maconha, vai gostar *muito* de heroína”. Não mesmo, Craig. Isso já basta pra mim. — Ele bateu no telefone com carinho, como se bateria de leve em um animalzinho adormecido. Um cachorrinho, digamos, que foi finalmente treinado.

Nós lemos *Mas não se matam cavalos?* no outono de 2008, e quando o sr. Harrigan fez uma pausa no começo de uma tarde (ele disse que todas aquelas maratonas de dança eram exaustivas), nós fomos para a cozinha, onde a sra. Grogan tinha deixado um prato de biscoitos de aveia. O sr. Harrigan andou devagar, apoiado em duas bengalas. Fui atrás, torcendo para conseguir segurá-lo se ele caísse.

Ele se sentou com um grunhido e uma careta e pegou um dos biscoitos.

— Essa bendita Edna — disse ele. — Eu amo essas coisas e elas fazem o intestino funcionar. Pega um copo de leite pra mim e pra você, por favor, Craig.

Quando fui pegar, a pergunta que eu vivia esquecendo de fazer voltou.

— Por que o senhor veio morar aqui, sr. Harrigan? O senhor podia morar em qualquer lugar.

Ele pegou o copo de leite e fez um gesto de brinde, como sempre fazia, e o imitei, como *eu* sempre fazia.

— Onde você moraria, Craig? Se pudesse, digamos, morar em qualquer lugar?

— Acho que em Los Angeles, onde se fazem os filmes. Eu poderia começar carregando equipamentos e ir subindo na vida. — Nesse momento, contei a ele um grande segredo. — Talvez eu pudesse escrever para o cinema.

Achei que ele fosse rir, mas ele não riu.

— Bom, acho que alguém tem que fazer isso, e por que não você? E você nunca sentiria saudade de casa? De ver o rosto do seu pai ou botar flores no túmulo da sua mãe?

— Ah, eu voltaria — falei. Mas a pergunta (e a menção à minha mãe) me fez hesitar.

— Eu queria um novo começo — disse o sr. Harrigan. — Como alguém que viveu a vida toda na cidade grande, pois cresci no Brooklyn antes de se tornar... não sei, uma espécie de planta de vaso, eu queria ir para longe de Nova York nos meus anos finais. Queria morar no interior, mas não no interior turístico, em lugares como Camden, Castine ou Bar Harbor. Queria um lugar onde as estradas ainda não fossem pavimentadas.

— Bom, se era isso que o senhor queria, veio mesmo para o lugar certo.

Ele riu e pegou outro biscoito.

— Pensei nas Dakotas, sabe... e em Nebraska... mas acabei decidindo que era ir longe demais. Pedi que meu assistente levasse pra mim fotos de muitas cidades no Maine, em New Hampshire e Vermont, e este foi o lugar que escolhi. Por causa da colina. Há vista em todas as direções, mas não vistas *espetaculares*. Vistas espetaculares poderiam atrair turistas,

exatamente o que eu não queria. Eu gosto daqui. Gosto da paz, gosto dos vizinhos e gosto de você, Craig.

Isso me deixou feliz.

— Tem outra coisa. Não sei o quanto você leu sobre o meu trabalho, mas se leu ou se ler no futuro, você vai encontrar muita gente que acredita que fui implacável enquanto subia no que as pessoas invejosas e intelectualmente incapazes chamam de “escada do sucesso”. Essa opinião não é totalmente errada. Eu fiz inimigos, admito abertamente. Os negócios são como o futebol americano, Craig. Se você precisar derrubar alguém pra chegar à linha do gol, é melhor que faça isso, ou então não devia nem botar o uniforme e entrar em campo. Mas quando o jogo acaba, e o meu acabou, apesar de eu continuar envolvido, você tira o uniforme e vai pra casa. Aqui é a minha casa agora. Esse canto comum da América, com um único mercado e a escola que acho que vai fechar em pouco tempo. As pessoas não “passam mais pra um drinque”. Não tenho que ir a almoços de negócios com pessoas que sempre, *sempre* querem alguma coisa. Não sou convidado pra assumir um lugar em reuniões de conselho. Não tenho que ir a eventos beneficentes que me deixam morrendo de tédio e não preciso acordar às cinco da manhã com o som de caminhões de lixo na rua 81. Vou ser enterrado aqui, no cemitério Elm, junto com os veteranos da Guerra de Secessão, e não vou ter que dar carteirada nem subornar um superintendente de túmulos pra conseguir um bom lote. Alguma dessas coisas explica o que você queria saber?

Sim e não. Ele era um mistério para mim, até o fim e mesmo depois. Mas talvez isso seja sempre verdade. Acho que vivemos a maior parte do tempo sozinhos. Por escolha, como ele, ou só porque o mundo foi feito assim.

— Mais ou menos. Pelo menos o senhor não foi para a Dakota do Norte. Fico feliz por isso.

Ele sorriu.

— Eu também. Pegue outro biscoito pra comer no caminho de casa e mande lembranças ao seu pai.

Com uma base tributária cada vez menor que não conseguia mais sustentá-la, nossa pequena escola de seis salas de Harlow fechou mesmo em junho de 2009, e me vi diante da perspectiva de fazer o oitavo ano do outro lado do rio Androscoggin, na Gates Falls Middle, com mais de setenta colegas em vez de só doze. Aquele foi o verão em que beijei uma garota pela primeira vez, não Margie, mas a melhor amiga dela, Regina. Também foi o verão em que o sr. Harrigan morreu. Fui eu que o encontrei.

Eu sabia que ele estava tendo cada vez mais dificuldade de se deslocar e perdendo o fôlego com mais frequência, e às vezes precisava do tanque de oxigênio que ficava agora ao lado da poltrona favorita, mas fora essas coisas, que eu simplesmente aceitava, não houve aviso. O dia anterior foi como qualquer outro. Eu li alguns capítulos de *McTeague* (eu tinha pedido para lermos outro livro do Frank Norris e o sr. Harrigan concordou) e molhei as plantas enquanto o sr. Harrigan olhava os e-mails.

Ele olhou para mim e falou:

— As pessoas estão entendendo.

— O quê?

Ele mostrou o celular.

— Isto. O que realmente significa. O que pode fazer. Arquimedes disse: “Dê-me uma alavanca e um ponto de apoio e moverei o mundo”.

Isto é a alavanca.

— Legal — falei.

— Acabei de apagar três propagandas de produtos e quase uma dezena de solicitações políticas. Não tenho dúvida de que meu endereço de e-mail está sendo divulgado, da mesma forma que as revistas vendem os endereços dos assinantes.

— Que bom que não sabem quem o senhor é — falei. O apelido dele no e-mail (ele adorava ter um apelido) era **reipirata1**.

— Se alguém estiver observando minhas buscas, não precisa saber. É possível descobrir meus interesses e me importunar com coisas relativas a eles. Meu nome não significa nada. Meus interesses, sim.

— É, spam é irritante — falei e fui para a cozinha esvaziar o regador e guardá-lo no quartinho.

Quando voltei, o sr. Harrigan estava com a máscara de oxigênio sobre a boca e o nariz e estava respirando fundo.

— O senhor pegou isso com o médico? — perguntei. — Ele prescreveu?

Ele tirou a máscara do rosto e disse:

— Não tenho médico. Homens de oitenta e tantos anos podem comer toda carne moída que quiserem e não precisam mais de médicos, a não ser que tenham câncer. Nesse caso, o médico é útil pra receitar remédios pra dor. — A mente dele estava em outro lugar. — Você já pensou na Amazon, Craig? A empresa, não o rio.

Meu pai comprava coisas na Amazon às vezes, mas, não, eu nunca tinha pensado na empresa. Falei isso para o sr. Harrigan.

Ele apontou para o exemplar de *McTeague* da Modern Library.

— Isto veio da Amazon. Pedi com meu celular e meu cartão de crédito. Essa empresa era só de livros. Era pouco maior que uma

empresa familiar, na verdade, mas em pouco tempo pode se tornar uma das maiores e mais poderosas corporações dos Estados Unidos. O logo vai ser tão onipresente quanto o emblema da Chevrolet nos carros ou isto nos nossos celulares. — Ele ergueu o dele e mostrou a maçã mordida. — Spam é irritante? É. Está se tornando a barata do comércio americano, procriando e correndo pra todo canto? Está. Porque o spam funciona, Craig. Puxa o arado. Num futuro não muito distante, o spam poderá decidir eleições. Se eu fosse um homem mais jovem, pegaria esse fluxo de renda pelas bolas... — Ele fechou uma das mãos. Só conseguia fazer um punho frouxo por causa da artrite, mas eu entendi a ideia. — ... e apertaria. — A expressão que surgiu nos olhos dele foi uma que eu às vezes via, a que me deixava feliz por não estar na lista de desafetos dele.

— Você ainda vai estar por aqui por muitos anos — falei, alegremente alheio ao fato de que estávamos tendo nossa última conversa.

— Talvez sim e talvez não, mas quero dizer de novo como estou feliz de você ter me convencido a ficar com isto. Me deu algo em que pensar. E quando não consigo dormir à noite, é uma boa companhia.

— Fico feliz — falei, e estava mesmo. — Tenho que ir. Nos vemos amanhã, sr. Harrigan.

Eu o vi mesmo, mas ele não me viu.

Entrei pela porta lateral, como sempre fazia, chamando:

— Oi, sr. Harrigan. Cheguei.

Não houve resposta. Concluí que ele devia estar no banheiro. Eu esperava que ele não tivesse caído lá dentro, porque era o dia de folga da sra. Grogan. Quando entrei na sala e o vi sentado na poltrona, com o tanque de oxigênio no chão, o iPhone e *McTeague* na mesinha ao lado, eu

relaxe. Só que o queixo dele estava apoiado no peito, e ele tinha caído um pouco para um lado. Parecia estar dormindo. Se estava, era a primeira vez tão no fim da tarde. Ele cochilava por uma hora depois do almoço e, na hora que eu chegava, sempre estava animado e ansioso.

Dei um passo mais para perto e vi que os olhos dele não estavam completamente fechados. Eu via o arco inferior das íris, mas o azul não parecia mais tão vivo. Estava enevoado, desbotado. Comecei a sentir medo.

— Sr. Harrigan?

Nada. As mãos retorcidas estavam frouxas no colo. Uma das bengalas ainda estava encostada na parede, mas a outra estava no chão, como se ele tivesse tentado pegá-la e derrubado. Percebi que dava para ouvir o chiado da máscara de oxigênio, mas não o da respiração dele, um som com o qual eu tinha me acostumado tanto que raramente me dava conta.

— Sr. Harrigan, está tudo bem?

Dei mais dois passos e estiquei a mão para acordá-lo com um sacolejo, mas puxei a mão de volta. Eu nunca tinha visto uma pessoa morta, mas achei que podia estar vendo naquele momento. Estiquei a mão de novo, e desta vez não amarelei. Segurei o ombro dele (horripelmente ossudo por baixo da camisa) e balancei de leve.

— Sr. Harrigan, acorda!

Uma das mãos dele caiu do colo e ficou pendurada entre as pernas. Ele caiu mais um pouco para o lado. Percebi que conseguia ver as pontas amareladas dos dentes por entre os lábios. Ainda assim, eu achava que precisava ter certeza absoluta de que ele não estava só inconsciente ou desmaiado antes de chamar alguém. Eu tinha uma lembrança, breve mas intensa, da minha mãe lendo para mim a história do menininho que mentiu sobre a presença dos lobos na floresta.

Fui para o banheiro do corredor, o que a sra. Grogan chamava de lavabo, com uma sensação estranha nas pernas, como se não estivessem sentindo nada, e voltei com o espelhinho de mão que o sr. Harrigan deixava numa prateleira. Segurei na frente do nariz e da boca dele. Não ficou embaçado pelo calor da respiração. Nessa hora, eu soube (se bem que, pensando melhor, eu tenho certeza de que já sabia quando a mão caiu do colo e ficou pendurada entre as pernas). Eu estava na sala com um homem morto. E se ele esticasse a mão e me segurasse? Claro que ele não faria isso, ele gostava de mim, mas me lembrei da expressão nos olhos dele quando ele disse (no dia anterior! Quando ainda estava vivo!) que, se fosse um homem mais jovem, pegaria esse novo fluxo de renda pelas bolas e apertaria. E a forma como ele fechou a mão para demonstrar.

*Você vai encontrar muita gente que acredita que fui implacável*, dissera ele.

Pessoas mortas não esticavam a mão e seguravam outras pessoas fora dos filmes de terror, eu sabia, pessoas mortas não eram *nada*, mas fui para longe dele mesmo assim enquanto tirava o celular do bolso da calça, e não tirei os olhos dele quando liguei para o meu pai.

Meu pai disse que eu devia estar certo, mas mandou uma ambulância só por garantia. Quem era o médico do sr. Harrigan, eu sabia? Falei que ele não tinha (e bastava olhar para os dentes dele para ter certeza de que ele também não tinha um dentista). Eu falei que esperaria, e esperei. Mas fiz isso do lado de fora. Antes de ir, pensei em pegar a mão caída e botar de volta no colo. Quase fiz isso, mas não consegui tocar nele, no fim das contas. A mão estaria fria.

Então, peguei o iPhone. Não foi roubo. Acho que foi pela dor, porque a perda dele estava começando a ficar clara para mim. Eu queria algo que

fosse dele. Uma coisa que importasse.

Acho que aquele foi o maior funeral que já aconteceu na nossa igreja. E o cortejo mais longo até o cemitério, quase todo feito de carros alugados. Havia gente local lá, claro, inclusive Pete Bostwick, o jardineiro, e Gary Smits, que fez a maior parte do serviço na casa dele (e ficou rico com isso, tenho certeza), e a sra. Grogan, a empregada. Outras pessoas da cidade, porque muita gente gostava dele em Harlow, mas a maioria dos presentes (caso estivessem *mesmo* de luto, e não só presentes para ter certeza de que o sr. Harrigan estava morto de verdade) era de empresários de Nova York. Não havia familiares. Ninguém, zero, nada. Nem mesmo uma sobrinha ou um primo de segundo grau. Ele não se casou, não teve filhos (e esse devia ter sido um dos motivos de meu pai ficar desconfiado quando comecei a ir lá) e viveu mais do que todo o resto. Foi por isso que o garoto vizinho, o que ele pagava para ler para ele, que o encontrou.

O sr. Harrigan devia saber que o tempo dele estava chegando ao fim, pois deixou uma folha de papel manuscrita na escrivaninha do escritório especificando como queria que fossem os ritos. Foi bem simples. A Funerária Hay & Peabody já tinha um depósito registrado nos livros desde 2004, mais do que o suficiente para cuidar de tudo. Não haveria velório nem visita, mas ele queria “ser arrumado decentemente, se possível”, para que o caixão pudesse ficar aberto no funeral.

O reverendo Mooney conduziria a cerimônia, e eu leria o quarto capítulo da Epístola aos Efésios: “Sejam bons e compreensivos uns com os outros, perdoando-se mutuamente, assim como Deus perdoou a vocês em Cristo”. Vi alguns empresários trocarem olhares ao ouvirem isso,

como se o sr. Harrigan não tivesse sido muito bom com *elas*, e também não tivesse perdoado muito.

Ele queria três hinos: “Abide With Me”, “The Old Rugged Cross” e “In the Garden”. Queria que a homilia do reverendo Mooney não durasse mais do que dez minutos, e o reverendo terminou em oito, antes do tempo predeterminado e, acredito, um recorde pessoal. O reverendo simplesmente listou tudo que o sr. Harrigan tinha feito por Harlow, como pagar pela reforma de Eureka Grange e pelo conserto da ponte coberta do rio Royal. Ele também foi o maior doador do fundo da piscina comunitária, disse o reverendo, mas recusou o privilégio do título que acompanhava o gesto.

O reverendo não disse o motivo, mas eu sabia. O sr. Harrigan dizia que permitir que as pessoas dessem seu nome às coisas não era apenas absurdo, era também indigno e efêmero. Em cinquenta anos, disse ele, ou mesmo em vinte, você era só um nome numa placa.

Depois que cumpri meu dever, me sentei na fileira da frente com meu pai, olhando o caixão com os vasos de lírios na cabeceira e no pé. O nariz do sr. Harrigan se destacava como a proa de um navio. Decidi não olhar, não pensar que era engraçado nem horrível (ou as duas coisas), mas me lembrar dele como ele era. Foi uma boa ideia, mas meu olhar ficava voltando para lá.

Quando o reverendo terminou o curto sermão, ele levantou a mão com a palma para baixo para as pessoas que foram prestar as homenagens e deu uma bênção. Depois disso, falou:

— Aqueles de vocês que queiram dizer uma palavra final de despedida podem se aproximar do caixão.

Houve uma agitação de roupas e um murmúrio de vozes quando as pessoas se levantaram. Virginia Hatlen começou a tocar o órgão

baixinho, e percebi (com uma sensação estranha que não consegui identificar na ocasião, mas que anos depois identificaria como surrealismo) que era um medley de músicas country, inclusive “On the Wings of a Dove”, de Ferlin Husky, “I Sang Dixie”, de Dwight Yoakam e, claro, “Stand By Your Man”. Quer dizer que o sr. Harrigan tinha deixado instruções até mesmo para a música de despedida, e pensei *que bom*. Uma fila estava se formando, os moradores da cidade com seus paletós esporte do Walmart e calças cáqui misturados com os tipos de Nova York com ternos Brioni e sapatos Gucci.

— E você, Craig? — murmurou meu pai. — Quer uma última olhada ou melhor não?

Eu queria mais do que isso, mas não podia contar para ele. Assim como não podia contar como estava me sentindo mal. Agora eu estava finalmente entendendo. Não aconteceu quando eu estava lendo as escrituras, pois já tinha lido tantas outras coisas para ele, mas enquanto estava sentado vendo o nariz dele de pé. Percebi que o caixão dele era um navio que ia levá-lo em sua viagem final. Uma viagem que acontecia no escuro. Senti vontade de chorar, e *chorei*, mas depois, em particular. Não queria chorar ali, no meio de estranhos.

— Sim, mas quero ficar no fim da fila. Quero ser o último.

Meu pai, que Deus o abençoe, não me perguntou por quê. Só apertou meu ombro e entrou na fila. Fui para o vestíbulo, um pouco incomodado com um paletó esporte que estava ficando apertado nos ombros porque eu finalmente tinha começado a crescer. Quando o fim da fila estava na metade do corredor principal e tive certeza de que mais ninguém entraria, fui para trás de dois caras de terno que estavam falando em tom baixo sobre, quem imaginaria, as ações da Amazon.

Quando cheguei ao caixão, a música já tinha parado. O púlpito estava vazio. Virginia Hatlen devia ter saído escondida para fumar um cigarro, e o reverendo devia estar na parte de trás tirando a veste e penteando o que restava do cabelo. Havia poucas pessoas no vestíbulo, murmurando em vozes baixas, mas ali na igreja agora éramos só eu e o sr. Harrigan, como em tantas tardes na casa grande dele na colina, com as paisagens boas, mas não *turísticas*.

Ele estava usando um terno escuro que eu nunca tinha visto. O cara da funerária tinha passado um pouco de blush para ele parecer saudável, só que pessoas saudáveis não se deitam em caixões com os olhos fechados e os últimos minutos de luz do sol brilhando nos rostos mortos antes de irem para debaixo da terra para sempre. As mãos dele estavam cruzadas, me fazendo pensar em como estavam cruzadas quando entrei na sala dias antes. Ele parecia uma boneca de tamanho real e odiei vê-lo assim. Eu não queria ficar. Queria ar puro. Queria estar com meu pai. Queria ir para casa. Mas tinha uma coisa para fazer primeiro e tinha que ser logo, porque o reverendo Mooney podia voltar a qualquer momento.

Enfiei a mão no bolso interno do meu paletó e tirei o celular do sr. Harrigan. Na última vez que estive com ele, e estou falando dele vivo, não caído na poltrona nem parecendo uma boneca em uma caixa de madeira cara, ele disse que ficou feliz por eu tê-lo convencido a ficar com o telefone. Ele disse que era uma boa companhia quando não conseguia dormir à noite. O celular era protegido por senha; como falei, ele aprendia rápido quando alguma coisa chamava sua atenção. Mas eu sabia que a senha era **pirata1**. Eu tinha aberto o celular no meu quarto na noite anterior ao funeral e olhado a função de notas. Queria deixar uma mensagem para ele.

Pensei em dizer *Eu te amo*, mas isso seria errado. Eu gostava dele, claro, mas também tinha um pouco de medo dele. E não acho que ele me amasse. Acho que o sr. Harrigan nunca amou ninguém, a não ser a mãe que o criou depois que o pai foi embora (eu tinha feito minhas pesquisas). No final, o recado que digitei foi o seguinte: *Trabalhar para o senhor foi um privilégio. Obrigado pelos cartões e pelas raspadinhas. Vou sentir saudades.*

Levantei a lapela do paletó, tentando não tocar na superfície imóvel do peito embaixo da camisa branca engomada... mas os nós dos meus dedos roçaram ali por um momento, e ainda me recordo daquela sensação até hoje. Estava duro como madeira. Enfiei o telefone no bolso interno dele e me afastei. E bem na hora. O reverendo Mooney chegou pela porta lateral, ajeitando a gravata.

— Se despedindo, Craig?

— Sim.

— Que bom. É a coisa certa a fazer. — Ele passou o braço pelos meus ombros e me guiou para longe do caixão. — Você teve uma relação com ele que tenho certeza de que muita gente invejaria. Por que você não vai lá pra fora agora ficar com seu pai? E se quiser me fazer um favor, diga ao sr. Rafferty e aos outros carregadores que vamos estar prontos em poucos minutos.

Outro homem tinha aparecido na porta, as mãos unidas na frente do corpo. Era só olhar para o terno preto e para o cravo branco para saber que ele era da funerária. Acho que era trabalho dele fechar a tampa do caixão e cuidar para que fosse bem travado. Um medo da morte tomou conta de mim quando o vi, e fiquei feliz de sair dali e ir para o sol. Não falei para o meu pai que precisava de um abraço, mas ele deve ter percebido, porque passou os braços em volta do meu corpo.

*Não morra, pensei. Por favor, pai, não morra.*

A cerimônia no cemitério Elm foi melhor porque foi mais curta e porque foi em local aberto. O gerente de negócios do sr. Harrigan, Charles “Chick” Rafferty, falou brevemente sobre as várias filantropias do cliente e arrancou umas risadas quando falou que ele, Rafferty, teve que aguentar o “gosto questionável para música” do sr. Harrigan. Esse foi o único toque humano que o sr. Rafferty conseguiu dar. Ele disse que tinha trabalhado “para e com” o sr. Harrigan por trinta anos e eu não tinha motivo para duvidar, mas ele não parecia saber muito sobre o lado humano do sr. Harrigan além do “gosto questionável” por cantores como Jim Reeves, Patty Loveless e Henson Cargill.

Pensei em me adiantar e contar às pessoas reunidas em volta do túmulo aberto que o sr. Harrigan achava que a internet era como um cano de água quebrado, cuspidando informações em vez de água. Pensei em contar que ele tinha mais de cem fotos de cogumelos no celular. Pensei em contar que ele gostava dos biscoitos de aveia da sra. Grogan porque faziam o intestino trabalhar, e que quando se tinha mais de oitenta anos não era mais preciso tomar vitaminas nem ir ao médico. Quando se tinha mais de oitenta anos, você podia comer toda a carne moída que quisesse.

Mas fiquei de boca fechada.

Desta vez, foi o reverendo Mooney que leu uma passagem da Bíblia, a parte que dizia que todos íamos voltar dos mortos como Lázaro na grande manhã do despertar. Ele deu outra bênção e encerrou a cerimônia. Depois que fôssemos embora e voltássemos para nossas vidas comuns, o sr. Harrigan seria colocado debaixo da terra (com o iPhone no bolso, graças a mim) e a terra o cobriria e o mundo não o veria mais.

Quando estávamos indo embora, o sr. Rafferty se aproximou de nós. Disse que só voltaria para Nova York na manhã seguinte e perguntou se podia passar na nossa casa naquela noite. Tinha uma coisa que queria conversar conosco.

Meu primeiro pensamento era que devia ser sobre o iPhone furtado, mas eu não fazia ideia de como o sr. Rafferty podia saber que eu tinha pegado o aparelho. Além do mais, tinha sido devolvido ao dono. *Se ele me perguntar, pensei, vou dizer que fui eu que dei o celular pra ele.* E como um celular que tinha custado quinhentos dólares podia ser um problema se os bens do sr. Harrigan deviam valer muito mais que isso?

— Claro — disse meu pai. — Venha para o jantar. Faço um bom espaguete à bolonhesa. Nós costumamos comer às seis.

— Vou aceitar seu convite — disse Rafferty. Ele pegou um envelope branco com meu nome escrito em uma caligrafia que reconheci. — Isto pode explicar sobre o que quero conversar. Recebi dois meses atrás e fui instruído a guardar até... humm... uma ocasião como esta.

Quando estávamos no carro, meu pai caiu na gargalhada, dando risadas profundas que o fizeram ficar com lágrimas nos olhos. Ele riu e bateu no volante e riu e bateu na coxa e secou as bochechas e riu mais um pouco.

— O quê? — perguntei quando o acesso de riso dele começou a passar. — O que é tão engraçado?

— Não consigo pensar em mais nada que possa ser tão engraçado — disse ele. Ele não estava mais gargalhando, mas ainda dando risadinhas.

— Do que você está falando?

— Acho que você deve estar no testamento dele, Craig. Abre isso aí. Vê o que diz.

Havia uma única folha de papel no envelope, um clássico comunicado Harrigan: sem corações, sem flores e nem um *querido* na saudação, direto ao ponto. Eu li em voz alta para o meu pai.

*Craig: Se você estiver lendo isto é porque eu morri. Deixei oitocentos mil dólares para você em um fundo. Os tutores são seu pai e Charles Rafferty, que administra meus negócios e que agora será meu procurador. Calculo que esse valor seja suficiente para você fazer os quatro anos de faculdade e qualquer trabalho de pós-graduação que escolha. Deve sobrar o suficiente para lhe dar um empurrão na carreira que escolher.*

*Você falou sobre escrever roteiros. Se for isso que você quer, claro que é o que deve tentar, mas não aprovo. Existe uma piada sobre roteiristas que não vou repetir aqui, mas procure no seu celular usando as palavras-chave roteirista e vedete. Apesar de ser vulgar, tem uma verdade nela que acredito que você vá entender mesmo na sua idade. Filmes são efêmeros, enquanto os livros, os bons, são eternos, ou quase isso. Você leu muitos bons livros para mim, mas há outros esperando para serem escritos. Isso é tudo que direi.*

*Apesar de seu pai ter poder de veto em tudo que diz respeito ao seu fundo, seria inteligente da parte dele não exercê-lo em relação aos investimentos que o sr. Rafferty sugerir. Chick sabe das coisas do mercado. Mesmo com os gastos com educação, seus oitocentos mil dólares podem chegar a um milhão ou mais até você chegar aos vinte e seis anos, quando o fundo vai expirar e você vai poder gastar (ou investir, sempre o caminho mais sábio) como preferir. Eu apreciei nossas tardes juntos.*

*Sinceramente,*

*Sr. Harrigan*

*P.S.: De nada pelos cartões e pelo que ia junto.*